



# UM CASO DE VERÃO

Elle Kennedy

Autora bestseller da Série Off-Campus

TOP  
SEL  
LER

# CAPÍTULO 1

## Cassie

JULHO

— **A**cho que não devíamos enrolar-nos mais.  
Valha-me Deus.

Não.

Não, não, não, não, não.

É por isto que as festas deviam ser proibidas. Nem sequer estou a gozar. Devíamos voltar à época da proibição, mas só proibir eventos sociais e não o álcool. É a única forma de evitar este nível de vergonha. Ou, melhor dizendo, vergonha alheia, porque nem sequer sou *eu* que estou a levar com os pés.

Essa honra é concedida ao rapaz com a voz grave e brincalhona, que ainda não percebeu que a mulher que lhe está a dar com os pés não está a brincar.

— Isto é alguma espécie de preliminares esquisitos? Não percebo, mas alinho.

A voz da rapariga é monótona, pontuada por humor seco.

— Estou a falar a sério.

Ela cala-se por instantes, e eu pondero se conseguirei fugir dali a sete pés sem que o casal repare.

Estou sentada num tronco de madeira a poucos metros deles, escondida pelas sombras. Mas sair de mansinho é complicado, porque eles

escolheram terminar o namoro no pior local possível: precisamente onde a erva da praia é mais fina e as dunas dão lugar a um vasto areal. Desde que *O Término* começou que ando a dar voltas à cabeça para arranjar uma escapatória, mesmo ao género *Missão Impossível*. O casal está virado para o oceano escuro, o que significa que, se tentar voltar para a festa pela praia, eles conseguirão ver-me. Mas, se passar por trás das suas costas para sair, vão ouvir-me. Alguma vez tentaram caminhar em bicos de pés na erva da praia? Mais vale prendermos um sino à volta do pescoço.

A minha única alternativa é manter-me escondida até isto terminar. A conversa *e* a relação. Ninguém gosta de levar com os pés, mas levar uma tampa em frente a outras pessoas é cem vezes pior, por isso estou oficialmente presa aqui. Mantida refém por conta da etiqueta social.

Fui logo escolher *este* momento para me afastar da fogueira e olhar para a porcaria das estrelas.

— Acho que isto já deu o que tinha a dar — diz a rapariga que está a dar com os pés.

Não consigo perceber qual é a aparência deles. São meras sombras. Uma sombra alta e uma mais baixa. Acho que a sombra mais baixa tem cabelo comprido. Antevejo madeixas finas a soprar na brisa da noite.

Do outro lado da praia, o sussurro das vozes, as gargalhadas e a música de *hip-hop* viajam pela água e dão-me vontade de voltar para a festa. Não conheço nenhum dos convidados, mas acho que nunca desejei tanto a companhia de pessoas que não conheço de lado nenhum como desejo neste momento. A festa é na casa do Luke, um habitante local. Combinei encontrar-me com a minha amiga Joy, que, à última hora, se cortou. Estava mesmo a sair do carro quando recebi a mensagem dela. Caso contrário, teria ficado em casa. Mas achei que, já que aqui estava, mais valia conviver e quiçá conhecer pessoas novas.

Devia ter voltado para o carro e fugido quando tive a oportunidade.

O rapaz começa finalmente a perceber que isto não se trata de uma brincadeira.

— A sério? Pensei que ainda nos estávamos a divertir.

— Queres que seja sincera? Ultimamente, nem por isso.

Au. Lamento, meu.

— Oh, não me olhes assim. Não me refiro à parte do sexo. Esse é sempre bom. Mas há quase um ano que somos amigos coloridos. Sim, eu sei que chegámos a separar-nos, mas acho que, quanto mais tempo mantivermos isto, maior o risco de um de nós se apaixonar. Dissemos desde o início que não queríamos nada sério, lembras-te?

— Sim, lembro-me.

A sombra alta levanta uma mão e passa-a pelo cabelo. Ou isso ou está a fazer festinhas a um gato minúsculo que está sentado em cima da sua cabeça.

Daqui não consigo ver nadinha.

— Não estou interessada em arranjar uma relação — acrescenta ela. — Não quero um namorado.

Segue-se uma pausa.

— E o Wyatt?

— O que é que tem? Eu já lhe disse várias vezes que somos apenas amigos. E quero ficar sozinha por uns tempos. — Ela solta uma gargalhada. — Ambos sabemos que não vais ter dificuldade em encontrar uma nova amiga colorida, Tate. E se quiseres mais do que isso, também não vais ter dificuldade em encontrar uma namorada. Só não vou ser eu.

Segundo golpe.

Mas aprecio a sinceridade dela. Não quer perder tempo. Nem está a dar esperanças ao rapaz. Parece-me ser mais uma simples amizade colorida, mas esse é capaz de ser o término mais difícil. Sermos amigos da pessoa antes de nos envolvermos sexualmente e querermos continuar a ser amigos *depois*? É um bico de obra.

Oficialmente, nunca me deram com os pés — para isso era preciso ter estado numa relação —, mas, se alguma vez acabassem comigo, queria que o fizessem assim. De maneira rápida e direta ao ponto. Bufar para apagar a vela, para que não haja nem um vestígio de luz. Acabou-se. Toca a seguir em frente.

Claro que digo isso agora. Mas tendo em conta que choro quando vejo os anúncios onde a avó abandonada recebe um postal das férias dos netos, provavelmente estaria aos pés do meu companheiro a chorar

baba e ranho e depois teria de dar entrada num *spa* finório para curar a melancolia.

— Pronto, está bem. — Ele também se ri, só que de modo seco. — Sim, então ficamos assim.

— Então ficamos assim — repete ela. — Estamos bem?

— Claro que sim. Conhecemo-nos desde que tínhamos 13 anos. Não vamos deixar de falar só porque parámos de dar umas quecas.

— Vou fazer-te cumprir a promessa — avisa ela.

Finalmente, por milagre ou bênção, eles vão-se embora. A integração termina. Os chinelos da rapariga embatem com força contra a areia enquanto ela se afasta, seguindo pela praia em direção à festa.

Um já foi. Falta o outro.

Para minha tristeza, o rapaz aproxima-se da água e lá permanece como se fosse uma estátua. A nova posição aproxima-o de um fragmento de luz da lua e permite-me vê-lo melhor. É alto. Musculado. Está a usar calções e uma t-shirt, se bem que não consigo perceber de que cor porque está escuro. Acho que o cabelo dele é louro. E tem um rabo jeitoso. Não costumo reparar em traseiros — na verdade, pensava que não era apreciadora —, mas este chama mesmo a atenção.

Ele está de costas voltadas para mim, por isso esta é a minha oportunidade para fugir. Ponho-me em pé lentamente e limpo as mãos suadas à parte da frente dos calções de ganga. Não me tinha apercebido de como estava tensa. Só fico com as palmas das mãos transpiradas antes de um primeiro beijo ou numa situação particularmente embaraçosa. Por exemplo, em todas as conversas com a minha mãe. Logo, as minhas mãos estão sempre húmidas.

Respiro fundo e dou um passo em frente.

Uma sensação de alívio percorre o meu corpo quando o rapaz não se vira para mim. Sim. Eu consigo fazer isto. Só preciso de chegar àquela duna a uns metros de distância. Se ele reparar em mim depois disso, posso fingir que vim da erva. Oh, peço desculpa! Estou apenas a dar um passeio, não o vi aí!

A escapatória é possível. Consigo saboreá-la. Por isso, como é óbvio, dou apenas uns passos até o meu telemóvel decidir abortar os meus planos e apitar ruidosamente com uma mensagem.

E depois recebo outra mensagem.

E outra.

O rapaz dá meia-volta, assustado.

— Olá. — A sua voz grave e desconfiada chega até mim por entre a brisa noturna. — De onde raio apareceste?

Sinto as faces a aquecer. Ainda bem que está demasiado escuro para ele me ver a corar.

— Desculpa — consigo dizer. — Eu, hum... — O meu cérebro tenta lembrar-se de uma razão plausível para a minha presença ali. Fracassa. — Não ouvi nem um segundo do vosso término, juro.

Bolas. Que inteligente, Cassandra.

Ele brinda-me com uma gargalhada suave.

— Nem um segundo, hã?

— Não, nem um. A sério, posso assegurar-te de que *não* estava aqui sentada a ouvir-te levar com os pés. — Fugiu-me a boca para a verdade. É ela que manda. Que controla tudo. Outra coisa que acontece quando estou nervosa: tenho tendência a tagarelar. — Para todos os efeitos, lidaste bem com a rejeição. Não te puseste de joelhos, nem lhe agarraste a perna a implorar para que não se fosse embora. E ainda bem, diria eu. Poupaste-nos uma vergonha ainda maior. É quase como se soubesses que eu estava presa atrás daquele tronco ali.

— Acredita em mim, se soubesse que estavas ali sentada, eu teria aumentado a expressão de tristeza umas duzentas vezes. Derramava umas lágrimas, talvez amaldiçoasse os céus e lamentasse o meu pobre coração partido.

Ele aproxima-se, e, quando tenho a oportunidade de lhe ver melhor o rosto, o meu coração acelera de imediato. Que giro que ele é! Que raio passou pela cabeça daquela rapariga para o deixar escapar?

Percorro-lhe as feições belas e clássicas com o olhar. Gostava de perceber qual é a cor dos seus olhos, só que está demasiado escuro. Mas tinha razão em relação ao cabelo louro, por isso deduzo que tenha olhos claros. Azuis. Talvez verdes. Com aqueles calções e a t-shirt ligeiramente amarrrotada, parece um rapaz de praia.

— E porque é que havias de ter feito isso? — pergunto.

— Só para te deixar ainda mais desconfortável. Um castigo por andares a ouvir conversas alheias às escondidas.

— *Involuntariamente.*

— É o que todos dizem. — A boca dele curva-se num sorriso maldoso, que me parece ser a sua expressão habitual. Inclina a cabeça, indicando que está a pensar. — Mas sabes que mais? Vou deixar passar. Nunca consigo ficar chateado com uma miúda gira.

O meu rosto aquece ainda mais.

Oh, meu Deus. Ele acha que sou gira?

Quer dizer, eu escolhi a roupa desta noite com o intuito de ficar bonita. Calções curtos que fazem as minhas pernas parecerem mais compridas e uma camisola justa sem alças. Preta, porque é a única cor capaz de fazer as minhas mamas parecerem mais pequenas. Quando uso cores claras, elas começam a saltitar como se fossem duas bolas de praia perdidas, mesmo com um sutiã com apoio.

Mas reparo que o olhar dele não incidiu uma única vez no meu peito. Ou, se o fez, fê-lo de forma tão discreta que nem dei conta. O seu olhar mantém-se pregado no meu rosto, e, por instantes, fico sem palavras. Em Boston, estou sempre a ver homens bonitos. O meu *campus* universitário está repleto deles. Mas há qualquer coisa neste rapaz que me faz tremer os joelhos.

Antes que eu consiga lembrar-me de uma resposta inteligente ao comentário dele sobre a minha beleza — ou uma resposta qualquer, na verdade —, o meu telemóvel volta a tocar. Olho para baixo. Mais uma mensagem da Peyton. Seguida de outra.

— Alguém é popular — provoca-me ele.

— Hum, sim. Quer dizer, não. É apenas uma amiga. — Cerro os dentes. — É uma daquelas pessoas irritantes que enviam tipo dez mensagens com uma linha em vez de um parágrafo inteiro, por isso estou sempre a receber mensagens até ficar com vontade de lhe atirar com o telemóvel à cabeça. Odeio isso... tu não?

Ele fica de queixo caído.

— *Sim* — diz ele, com tanta sinceridade que sou obrigada a sorrir. Ele abana a cabeça. — Porra, *odeio* isso.

— Não é?

O telemóvel toca uma última vez, totalizando seis mensagens enviadas pela Peyton.

Quando passo os olhos pelas notificações, fico feliz por estar no escuro, porque tenho a certeza de que a minha face está ainda mais vermelha.

Peyton: *Como está a correr a festa?*

Peyton: *Alguns rapazes giros?*

Peyton: *Com quem nos vamos enrolar?*

Peyton: *Tenta tirar fotografias aos candidatos!*

Peyton: *Quero mesmo fazer parte deste processo.*

Peyton: *Quem me dera estar aí!*

Gostaria de dizer que a Peyton está a brincar. Mas não está. O meu principal propósito para ter vindo esta noite foi encontrar um bom candidato para o meu caso de verão.

Há já algum tempo que não passo um verão inteiro em Avalon Bay, mas ainda me lembro de ver vários amigos ao longo dos anos apaixonarem-se pelos amores de verão. O tipo de paixão alegre e euforiente onde não conseguimos tirar as mãos um do outro e tudo parece tão urgente e intenso porque sabemos que é apenas temporário. Cada momento é precioso porque setembro traz a despedida. Sentia imensa inveja dessas raparigas e ansiava por um amor de verão, mas era difícil concentrar-me nos rapazes e no romance quando a minha família estava sempre com problemas.

Depois de os meus pais se divorciarem quando eu tinha 11 anos, eu e a minha mãe continuámos a regressar para passar o verão, pelo menos no início. A família da minha mãe, os Tanners, tem uma longa história com Avalon Bay. Os meus avós têm uma casa de praia na zona mais popular e contavam que todos os anos fôssemos lá visitá-los. Nessa altura, os meus pais ainda fingiam ter uma relação cordial por minha causa. No entanto, quando o meu pai voltou a casar, a situação mudou. A raiva e o desdém que a minha mãe sentia por ele estava à vista de todos, e vice-versa, e todos os regressos a Avalon Bay eram um teste ao meu bem-estar psicológico.

Felizmente, a minha mãe voltou a casar-se e anunciou que íamos deixar de passar os verões na cidade costeira da Carolina do Sul onde nasci e cresci. Não posso dizer que não tenha ficado aliviada. Isso significava que, quando viesse visitá-lo, podia estar com o meu pai em paz e aproveitar. Como é óbvio, depois voltava a Boston e a minha mãe fazia-me um interrogatório para saber cada palavra que o meu pai tinha dito sobre ela. O que era irritante e injusto, mas, mesmo assim, melhor do que ficar encurralada na mesma cidade com os dois.

— Vais responder-lhe?

A voz do rapaz arranca-me dos pensamentos.

— Oh, não. Respondo-lhe mais tarde.

Enfio o telemóvel no bolso de trás. Se eu achava que ouvi-lo a levar com os pés tinha sido desconfortável, isso não é nada comparado com a vergonha que sentiria se ele visse as mensagens da Peyton.

Ele fica a observar-me por instantes.

— Sou o Tate — diz, por fim.

Hesito.

— Cassie.

— Vieste passar aqui o verão?

Aceno com a cabeça.

— Estou em casa da minha avó. Ela tem uma casa no Sul. Mas eu cresci em Avalon Bay.

— Cresceste?

— Hum-hum. Mudei-me para Boston com a minha mãe depois do divórcio dos meus pais, mas o meu pai ainda vive aqui, por isso sou uma visitante de verão. Quer dizer, se calhar não oficialmente, uma vez que costumo regressar apenas por uma semana ou duas em julho. Só que este ano vou ficar até ao Dia do Trabalhador, por isso suponho que agora seja uma verdadeira visitante de verão.

*Para de divagar!*, ordeno a mim própria.

— E tu? — pergunto, desesperada por tirar o foco de mim e por ter usado as palavras *visitante de verão* quatro milhões de vezes numa frase.

— O contrário de ti. Mudei-me para Avalon Bay no início do secundário. Antes disso, vivíamos na Georgia. Ilha de St. Simon.

— O Tate parece um pouco taciturno. — Tenho inveja da vida em

Boston, para ser sincero. De certo modo, gostava que nos mudássemos para uma cidade grande, em vez de trocarmos uma cidadezinha costeira por outra. Andaste lá na escola?

— Sim. Ando na Universidade Briar.

— Uma rapariga da *Ivy League*?

Começamos a caminhar e dirigimo-nos para a festa. Não é uma atitude pensada, apenas instintiva.

— Vou para o último ano — acrescento.

— Fixe. O que é que estudas?

— Literatura inglesa. — Olho para ele de relance. — Eu sei. Totalmente inútil a menos que se queira ir para o ensino.

— Queres ser professora?

— Não.

Ele sorri, e eu vislumbro dentes brancos e direitos ao luar. O sorriso dele é perfeito. Uma rapariga podia perder-se nele.

Obrigo-me a olhar em frente e enfio as mãos nos bolsos enquanto caminhamos.

— Sabes o que me irrita, Tate?

— O que é que te irrita, Cassie? — Ainda consigo senti-lo a sorrir para mim.

— Toda a gente diz que nos descobrimos quando estamos na faculdade, certo? Daquilo que vi, a universidade consiste apenas num monte de festas parolas, diretas para estudar e ouvir um drone qualquer a falar num auditório. E uma pessoa fica ali sentada a fingir que gostou do livro secente que a mandaram ler, quando, na realidade, é mais divertido ver água a ferver do que ler a maior parte da literatura clássica. Pronto, já disse. Os clássicos são uma porcaria, está bem? E a faculdade é uma seca.

O Tate ri-se.

— Talvez não estejas a ir às festas certas.

Ele tem razão. Não estou. Porque nunca fui a uma festa onde tenha falado com um rapaz parecido com o Tate.

À medida que nos aproximamos da fogueira, o nosso caminho fica claramente iluminado. A música continua a ouvir-se, uma canção de *reggae* que levou vários casais a abraçarem-se e a moverem-se ao

som da batida. Da multidão parecem fazer parte apenas os habitantes locais. Se porventura estiver aqui alguém do clube de campo, não os reconheço. Os visitantes de verão não costumam socializar com os habitantes locais. A Joy acha que a única razão para ter sido convidada esta noite foi porque aquele tal de Luke a queria engatar.

— Os rapazes da zona gostam de seduzir as miúdas ricas — disse ela, rindo-se, durante o almoço que tivemos umas horas antes.

Não que eu perceba alguma coisa disso. Nunca fui seduzida por um rapaz da cidade. Também não me considero uma *miúda rica*, se bem que sou capaz de o ser. A minha família materna tem dinheiro. Uma quantia considerável. Mas sempre me verei como a rapariga que cresceu em Sycamore Way, numa casa acolhedora nos subúrbios, próxima desta parte de Avalon Bay.

Com a luz da fogueira torna-se mais fácil vermo-nos um ao outro, e o Tate olha para o rabo de cavalo em que estou a mexer e deixa escapar um suspiro.

— És ruiva — acusa ele, com os olhos a brilhar. São azul-claros, tal como suspeitava.

— Não me pintes com esse pincel ruivo — protesto. — O meu tom é *acobreado*.

— Isso não existe.

— O meu tom é *acobreado* — insisto. Agarro o rabo de cavalo e aproximo-o mais do rosto dele. — Estás a ver? Vermelho-escuro. É praticamente castanho!

— Hum-hum. Continua a dizer isso a ti própria, ruiva.

Ele parece distraído. O seu olhar atravessa a fogueira e o meu olhar segue o dele, incidindo numa rapariga de cabelo avermelhado. Uma verdadeira ruiva. Ao contrário de mim, que tenho um tom *acobreado*, muito obrigada.

A ruiva conversa com outras duas jovens. São as três lindíssimas, com cabelo reluzente e rostos bonitos. Roupas diminutas. E corpos perfeitos, o que me provoca uma onda de insegurança. Sempre quis saber o que era ter proporções normais. Deve ser espetacular.

A expressão do Tate mostra-se angustiada por instantes, antes de afastar o olhar da rapariga.

Compreendo de imediato.

— Oh, meu Deus. É ela? A rapariga que te deu com os pés?

Ele deixa escapar uma gargalhada.

— Ninguém deu com os pés a ninguém. E continuamos amigos.

Isso não vai mudar. Ela só me apanhou desprevenido. Foi só isso.

Costumo ser eu a terminar as coisas.

— Queres que vá dar-lhe uma coça por ti? — ofereço-me.

Ele comprime os lábios e avalia-me. Tenho um metro e sessenta e sou magra. Fina, com exceção do meu peito grande. As minhas mamas devem ser armas mais eficazes do que os meus punhos.

— Não — responde ele com os lábios a tremer. — Acho que não me sentiria bem em ser responsável pela tua morte.

— Que querido.

Ele ri-se.

— Tate! — chama alguém, fazendo-nos virar na direção do grito.

Um rapaz muito alto com barba ruiva que está ali por perto levanta um charro. Acena para chamar o Tate e arqueia uma sobrancelha. Um convite. O Tate acena com a cabeça e indica com a mão que já vai ter com ele.

— Porque é que há tantos ruivos aqui? — pergunto. — É alguma convenção?

— Diz-me tu. Afinal de contas, são do teu género.

Solto um grunhido e ele volta a rir-se. Gosto do som do seu riso.

— Queres que te apresente às pessoas? — oferece o Tate.

Hesito. Sinto-me dividida. Por um lado, seria divertido ficar a conviver. Mas a ruiva está agora a observar-nos com uma expressão um tanto divertida no seu belo rosto. Na verdade, reparo que há *muitas* pessoas a observar-nos. Tenho a sensação de que um homem como o Tate atrai este tipo de atenção e, de repente, gostava que ainda estivéssemos no escuro da praia, só eu e ele. Detesto ser o centro das atenções. E nem consigo imaginar o quanto vou tagarelhar com cada pessoa nova que conhecer.

Por isso, abano a cabeça e digo:

— Na verdade, vou-me embora. Tenho um compromisso.

Ele sorri.

— Está certo, Sra. Popular.

Era bom. Daqui vou direta para casa. Mas é capaz de ser melhor deixá-lo acreditar que passo as sextas-feiras à noite a saltar de festa em festa como se fosse uma borboleta social fugidia. A Peyton aprovaria esse plano. «Deixa-os sempre a querer mais», é o lema da minha melhor amiga.

— Ficas aqui até setembro, disseste tu?

— Sim — respondeo de forma descontraída.

— Fixe. Então é certo que nos vamos voltar a ver.

— Sim, quem sabe.

Merda. Pareceu uma resposta demasiado descontraída. O que *devia* ter dito era qualquer coisa inocente e provocadora do estilo «Espero que sim»... e depois devia ter-lhe pedido o número. Dou um raspanete mental a mim própria e procuro uma forma de corrigir o erro, mas é tarde demais. O Tate já está a dirigir-se aos amigos.

«Se olharem para trás é bom sinal.» É o que a Peyton costuma dizer.

Engulo em seco e fico a observar as costas dele enquanto se encaminha a passadas largas pela areia.

E depois...

Ele olha para trás.

Respiro de alívio e ofereço-lhe um aceno desajeitado antes de virar costas. O meu coração está a bater muito depressa enquanto subo a zona com erva em direção à estrada onde estacionei o *Land Rover* da minha avó. Retiro o telemóvel do bolso quando recebo outra mensagem que me ilumina o ecrã.

Peyton: *E então??? Encontrámos o sortudo?*

Mordo o lábio e olho na direção da festa.

Sim.

Acho que sim.

# CAPÍTULO 2

## Cassie

**N**a manhã seguinte, encontro a minha avó na cozinha a retirar uma forma de *muffins* do forno, colocando-a depois na base que está em cima do balcão, ao lado de três outras formas que já lá estão.

— Bom dia, querida. Escolhe o que queres — brinca a minha avó, olhando-me por cima do ombro. — Temos *muffins* de banana e noz, aveia, cenoura, e os de mirtilo acabaram de sair do forno, por isso é preciso deixar arrefecer.

De certeza que ela está acordada desde as sete da manhã a cozinhar tudo e mais alguma coisa. Para uma mulher com 70 e poucos anos, ela continua bastante ágil. O que não deixa de ser engraçado, porque, exteriormente, ela aparenta ser muito frágil. Tem uma figura esguia, mãos delicadas e pele fina, revelando sempre veias azuis por baixo.

E, mesmo assim, a Lydia Tanner é uma força da natureza. Ela e o meu avô tiveram um hotel durante cinquenta anos. Compraram o edifício em frente à praia por tuta-e-meia nos anos sessenta, depois de o meu avô ter sido ferido na Guerra do Vietname e dispensado do serviço militar. O mais incrível é que, quando tinham a minha idade, eles construíram o The Beacon Hotel do nada. Não imagino o que será construir e depois abrir um hotel com 20 anos, sobretudo um assim tão imponente como o The Beacon. E até há dois anos, a propriedade à beira-mar era o menino dos olhos dos meus avós.

Mas depois o meu avô morreu e o hotel ficou quase destruído pelo último furacão que assolou a costa. Não foi a primeira vez que o The Beacon foi vítima de uma tempestade — já aconteceu duas vezes —, mas, ao contrário das outras vezes, ninguém da família quis renová-lo e restaurá-lo. A minha avó estava demasiado velha e cansada para o fazer sozinha, sobretudo sem o meu avô Wally, e sei que, secretamente, ela ficou desapontada por nenhum dos seus filhos se responsabilizar pela renovação. Mas a minha mãe e as irmãs não estavam interessadas em salvar o The Beacon, por isso a minha avó acabou por decidir vendê-lo. Não apenas o hotel, mas a casa também.

A venda da casa termina daqui a dois meses e o The Beacon vai ser reaberto em setembro com um novo dono, e foi por isso que voltámos aqui. A minha avó queria passar o último verão em Avalon Bay antes de se mudar para norte para ficar mais perto dos filhos e dos netos.

— Como correu a festa? — pergunta ela, enquanto se senta numa cadeira à mesa da cozinha.

— Correu bem. — Encolho os ombros. — Não conhecia ninguém.

— Quem era o anfitrião?

— Um rapaz chamado Luke. É instrutor de vela no clube. Foi assim que a Joy o conheceu. E por falar em Joy, ela nem sequer apareceu! Convida-me para uma festa e depois abandona-me. Senti-me uma intrusa.

A minha avó sorri.

— Ainda mais divertido é. Ir a um lugar onde ninguém te conhece... — Ela arqueia uma sobrancelha fina. — Pode ser divertido reinventares-te e desempenhares um papel por uma noite.

Sorrio.

— Por favor, não me digas que tu e o avô costumavam encontrar-se em bares de hotel e fingir que eram outras pessoas numa espécie de *role-play* estranho para apimentar o casamento.

— Está bem, querida. Não te digo isso.

Os olhos castanhos dela brilham, o que lhe confere um ar jovial. A minha avó parece uma pessoa elegante e inacessível em público, o que se torna engraçado. Está sempre vestida como se estivesse a sair de um iate, com conjuntinhos extravagantes mais adequados

para a Nantucket fina do que para a Avalon Bay descontraída. Juro que ela tem milhares de lenços *Hermès*. E, mesmo assim, quando está junto da família, o exterior gélido derrete e ela é a mulher mais amorosa que alguma vez existiu. Adoro passar tempo com ela. E ela é hilariante. Às vezes, solta uma piada porca do nada, num jantar de família. Torna-se inusitada quando proferida com o seu sotaque delicado do Sul e faz-nos rir a bandeiras despregadas. A minha mãe detesta. Mas a minha mãe não tem sentido de humor. Nunca teve.

— Fizeste amigos novos? — pergunta a minha avó.

— Não. Mas não há problema. Verei a Joy por aí, e a Peyton é capaz de me vir visitar uma semana ou duas em agosto. — Aproximo-me das formas e estudo a seleção de *muffins*. — Gostava que não me tivesse convencido a não arranjar um trabalho este verão.

A minha avó arranca um pedaço pequeno do seu *muffin* de aveia. Desde que a conheço que o pequeno-almoço dela é um *muffin* e uma chávena de chá. Deve ter sido assim que manteve a figura estes anos todos.

— Cass, querida, se tivesses arranjado um trabalho, não poderias tomar o pequeno-almoço comigo, pois não?

— Bem visto. — Escolho um *muffin* de banana e noz e retiro um pequeno prato de vidro do armário, juntando-me depois a ela na mesa. Um pedaço de noz cai do meu *muffin* e eu enfio-o na boca. — Que vamos fazer hoje?

— Lembrei-me de que podíamos ir à cidade ver algumas das lojas novas que abriram. O Levi Hartley encarregou-se de renovar o passeio marítimo inteiro. A empresa de renovações dele tem andado a remodelar as lojas todas que sofreram estragos por causa do furacão. No outro dia passei por uma loja de chapéus muito gira que não me importava de visitar.

Só a minha avó Lydia, para querer ir a uma loja de *chapéus*. O único chapéu que alguma vez usei foi o boné da Universidade Briar que me foi oferecido na altura da receção dos caloiros, e foi porque nos obrigaram a usá-lo para jurarmos lealdade à nossa nova escola. Acho que agora está no fundo do meu roupeiro.

— Comprar chapéus. Mal posso esperar.  
Ela ri-se baixinho.

— E preciso de encontrar uma prenda para o aniversário das meninas, por isso não me importo de ir espreitar umas lojas de crianças. Oh! Há hipótese de passarmos no hotel? Quero mesmo ver o que eles fizeram por dentro.

— Eu também — responde a minha avó, com um leve franzir de lábios. — A jovem que o comprou, a Mackenzie Cabot, prometeu que preservaria a missão que eu e o teu avô atribuímos ao hotel e que manteria o seu charme e caráter. Ela enviou-me os esboços das melhorias que fariam e fotografias do progresso. De facto, demonstraram o compromisso de restaurar tudo e deixá-lo o mais próximo do original quanto possível. Mas desde o início de junho que não recebo nenhuma informação.

A preocupação dela é notória. Eu sei que o maior medo da minha avó é que o The Beacon se torne completamente irreconhecível. O hotel era o seu legado. Sobreviveu a três furacões e foi renovado duas vezes pelos meus avós. Eles dedicaram-se a cem por cento. Deram sangue, suor e lágrimas. Puseram nele todo o seu amor. E é um bocadinho irritante que nenhum dos quatro filhos tenha lutado para o manter na família.

Os meus dois tios, Will e Max, vivem em Boston com as mulheres, e têm três filhos pequenos cada um. Estavam ambos decididos a não se mudarem para sul para renovar um hotel que nada lhes dizia. A minha tia Jacqueline e o marido Charlie têm uma casa no Connecticut, três filhos e zero interesse em entrar no negócio hoteleiro. E sobra a minha mãe, que tem uma agenda social muito preenchida em Boston e está ocupada a gastar o dinheiro do ex-marido, se bem que, neste momento, só o faz por puro desprezo, porque ela já era rica quando se casou. Os Tanners valem milhões. Mas acontece que o meu ex-padrasto Stuart cometeu o erro de pedir o divórcio, e a minha mãe é bastante mesquinha.

Como o resto do *muffin* antes de me levantar da cadeira.

— Pronto, se vamos à cidade, deixa-me vestir qualquer coisa um pouco mais apresentável — digo, apontando para os calções velhos

e a t-shirt larga. — Não posso ir comprar chapéus com isto. — Olho para as calças *chino* impecavelmente engomadas, para a camisola sem mangas e para o lenço de seda da minha avó. — Sobretudo na tua companhia. Caramba, mulher. Parece que vais almoçar com um Kennedy.

Ela ri-se.

— Esqueceste-te da minha regra de vida mais importante, querida? «Sai sempre de casa vestida como se...»

— «... estivesses prestes a ser assassinada» — concluo, revirando os olhos. — Oh, já me lembro.

A minha avó às vezes consegue ser macabra. Mas é um bom conselho. Na verdade, penso muitas vezes nisso. Uma vez saí do meu dormitório com calças cor de laranja sujas, com um buraco grande na virilha. Quase ganhei urticária ao pensar que, se fosse assassinada naquele dia, o médico-legista iria despir-me naquela maca de metal e o buraco na minha virilha seria a primeira coisa que ele veria. Seria o único cadáver a corar na morgue.

No piso de cima, encontro um vestido cor-de-rosa e visto-o, e depois faço uma trança no cabelo. O meu telemóvel toca quando estou a prender a trança com um elástico. É a Peyton. Não lhe devolvi a chamada quando cheguei a casa ontem à noite, mas enviei-lhe uma mensagem intencionalmente críptica que eu sabia que a deixaria louca.

— Quem é ele? — exige ela saber, quando a coloco em alta-voz. — Conta-me tudo.

— Não há nada para contar. — Dirijo-me ao espelho e examino o queixo. Sinto uma borbulha a formar-se, mas o meu reflexo diz o contrário. — Conheci um gajo giro, recusei o seu convite para ficar com ele na festa e vim para casa.

— Cassandra. — A Peyton está perplexa.

— Eu sei.

— O que é que te passou pela cabeça? O *objetivo* de saíres ontem era conheceres um gajo! E encontraste um! E disseste que era giro?

— O gajo mais giro que alguma vez vi — gemo.

— Então porque é que foste embora? — A confusão dela assume o tom de acusação.

— Acobardei-me — confesso. — Ele era demasiado intimidante! E devias ter visto as raparigas com quem estava... eram perfeitas, altas, umas autênticas deusas. Com mamas perfeitamente proporcionais... ao contrário de alguém que conheço.

— Oh, meu Deus, Cass. Para com isso. Sabes que não gosto que te deites abaixo.

— Sim, ficas com vontade de me dar um soco. Mas não consigo evitar. A sério, aquelas raparigas eram lindas.

— E tu também és. — Um som agudo ecoa pelo auscultador. — Sabes, odeio mesmo a tua mãe.

— Porque é que a minha mãe é para aqui chamada? — pergunto, rindo-me.

— Estás a gozar comigo? Eu já fui a tua casa. Ouço a forma como ela fala contigo. No outro dia estava a falar sobre isso com a minha mãe e ela estava a dizer que esses ataques afetam a tua autoestima.

— Andas a falar sobre mim com a tua mãe? — exijo saber, com a vergonha a subir-me à garganta.

Às vezes, ter uma melhor amiga cuja mãe é psicóloga clínica é uma grande chatice. Conheço a Peyton desde que tínhamos 11 anos — conhecemo-nos pouco depois de eu e a minha mãe nos termos mudado para Boston — e, quando era criança, a mãe da Peyton estava constantemente a intrometer-se no meu estado psicológico. Conseguia sempre convencer-me a falar sobre o divórcio dos meus pais, levando-me a papaguear sobre como me sentia e de que forma as críticas da minha mãe me afetavam. Blá-blá-blá. Não preciso de uma psicóloga para me dizer que existe uma relação direta entre as minhas inseguranças e os ataques verbais da minha mãe. Ou que a minha mãe é uma cabra agressiva. Estou bem ciente disso.

Nas raras ocasiões em que eu e o meu pai falámos sobre ela, ele admitiu que, na balança do altruísmo, a minha mãe sempre pendeu mais para o lado dela. Mas o divórcio desencadeou qualquer coisa dentro de si. Deixou-a pior. E certamente não terá ajudado o meu pai ter voltado a casar no espaço de um ano e meio e ter agora mais duas filhas.

— A minha mãe acha que precisamos de silenciar a tua crítica interior. Isto é, a voz horrível da tua mãe na tua cabeça.

— Estou sempre a calar a minha voz crítica interior. Lado positivo, lembras-te? — Porque, embora a regra de vida da minha avó seja ser assassinada com a nossa melhor roupa, a minha regra de vida sempre foi ver o lado positivo. Ver o lado positivo em todas as situações, porque a alternativa, sendo esta absorver a escuridão, só serve para nos destruir.

— Claro, Menina Positiva — responde a Peyton, em tom de gozo. — Ver sempre o lado positivo. Como é que não me lembrei? — A voz dela adquire um tom de desafio. — Pronto, está bem. Diz-me lá então qual é o lado positivo em deixar escapar o Giraço?

Pondero uma resposta.

— É demasiado giro — responde, por fim.

Uma gargalhada ecoa pelo telemóvel.

— Isso seria um motivo para *não* o deixares escapar. — Ela produz um som agudo que se assemelha a uma buzina. — Tenta novamente.

— Não, é apenas isso — insisto. — Imagina se o primeiro rapaz com quem durmo é mesmo bom? Vai arruinar-me todos os homens que vier a conhecer. Ficarei à espera de que todos os homens que vierem depois tenham pontuação máxima e, quando ninguém estiver à altura, vou ficar arrasada.

— És impossível. Pelo menos ficaste com o número dele?

— Não, já te disse que fui como se fosse um coelho nervoso e tagarela.

Ela deixa escapar um suspiro pesado e sonoro.

— Isto é inaceitável para mim, Cassandra Elise.

— Peço imensa desculpa, Peyton Marie.

— Se voltares a vê-lo, vais convidá-lo para sair, percebeste? — A minha melhor amiga está em modo autoritário. — Nada de tagarelice. E nada de desculpas. Promete-me que o vais convidar para sair da próxima vez que o vires.

— Prometo que convido — responde, de forma descontraída, mas apenas porque estou confiante de que não vou voltar a vê-lo.

Mas saiu-me o tiro pela culatra.

Assim que eu e a minha avó saímos, cinco minutos depois, encontro o Tate no caminho de acesso da nossa casa.

# CAPÍTULO 3

## Tate

**D**emoro um segundo a perceber que a ruiva bonita que está no alpendre é a mesma da festa de ontem à noite. Ela tinha razão... o cabelo dela é mais acobreado do que ruivo. Creio que a fogueira o fez parecer mais claro. Incido o olhar no peito dela, espreitando rapidamente para confirmar que ontem não caí numa qualquer fantasia de adolescente. Mas não, não sonhei. O peito dela é objetivamente espetacular. Batam-me por reparar. Sou homem. Reparo sempre num belo par.

Ela está a usar um vestido curto que lhe dá pelo meio das coxas e contrasta com as unhas dos pés pintadas de vermelho que espreitam das sandálias com tiras. E está a olhar para mim como se não soubesse como interpretar a minha presença.

— Sr. Bartlett, o que o traz aqui esta manhã?

O meu olhar vira-se para a mulher mais velha que está ao lado da Cassie.

— Bom dia, Sra. Tanner. — Esboço o sorriso descontraído que os meus amigos afirmam conseguir desarmar um ditador. Não que a Lydia Tanner seja uma ditadora. É uma senhora muito simpática, tendo em conta as interações que tivemos quando estava a tomar conta da casa ao lado. Este é o quarto verão que passo na casa luxuosa à beira-mar do Gil e da Shirley Jackson. Há semanas que andava ansioso por este momento.

— Só vinha dizer-lhe que vou voltar a tomar conta da casa dos Jacksons este verão — respondo-lhe. — Por isso, se vir luzes ligadas de vez em quando ou se vir rapazes bonitos a andar nus, não se assuste... e sinte-se à vontade para continuar a olhar. — Pisco-lhe o olho.

A Cassie deixa escapar uma gargalhada sarcástica.

— Cassandra — diz a Lydia. — Deixa o rapaz achar que nos está a conquistar.

— Achar? — respondo em tom de gozo, descontraído. — Sabe que me adora, Sra. Tanner.

— Como te disse no ano passado, podes tratar-me por Lydia. Esta é a minha neta, Cassandra.

— Cassie — corrige ela.

— Na verdade, conhecemo-nos ontem à noite — informo a Lydia.

— Conhecemo-nos numa festa. Como estás, ruiva?

— Não me chames isso. — A Cassie lança-me um olhar irritado.

A Lydia vira-se para a neta.

— Pronto, querida. Estábamos mesmo agora a discutir a tua falta de amigos e, olha só, agora tens um amigo aqui mesmo na casa ao lado. E ele já te arranjou uma alcunha engraçada. Isto é maravilhoso.

— Ela estica o braço e dá uma palmada no braço à Cassie, como se estivesse a acalmar um cachorrinho nervoso.

As faces da Cassie ficam vermelhas.

— És do piorio — resmunga ela para a avó.

A Lydia ri-se e desce as escadas do alpendre.

— Vou ligar o carro.

— Ela disse isso de propósito só para me envergonhar — murmura a Cassie. Lança-me um olhar semicerrado. — Eu tenho amigos.

Pestanejo de modo inocente.

— Parece mesmo que sim.

— *Eu tenho amigos* — insiste ela, e ouve-se um gemido a sair do fundo da sua garganta.

Contento uma gargalhada. Raios me partam, ela é gira. Tipo ridículamente gira. Tenho um fraquinho por miúdas com sardas. E por raparigas que coram quando lhes lanço um sorriso.

— Isso quer dizer que não queres ser minha amiga? — pergunto, olhando para a Cassie, divertido.

— Amizade é um grande compromisso. É melhor sermos apenas vizinhos. Mas estás com sorte, porque isso quer dizer que podemos fazer inúmeras coisas divertidas que os vizinhos fazem. — Ela cala-se. — Não sei bem o quê. Talvez pormo-nos cada um numa janela virada para a outra e utilizar lanternas para enviar mensagens em código morse?

— É isso que achas que os vizinhos fazem?

— Não sei. A janela do meu dormitório tem vista para uma parede de tijolo, por isso ninguém me envia mensagens codificadas, a não ser que conte com o universitário bêbedo que se perde sempre a caminho da Ala Grega e começa a andar aos tropeções a gritar que a Lua não é real. E não sou amiga de nenhum dos vizinhos da casa da minha mãe em Boston. Não que eu e tu sejamos amigos, na verdade nem sequer te conheço. Somos desconhecidos em todos os sentidos. Se bem que eu assisti ao momento em que levaste com os pés, o que foi igualmente perturbador para os dois, e esse tipo de humilhação partilhada conduz a uma espécie de intimidade forçada pela qual nunca ninguém deveria ser obrigado a passar... — Ela cala-se. — Sabes que mais? Vou à minha vida. Eu e a minha avó temos de ir à cidade. Adeus, Tate.

Os meus lábios estremecem, numa tentativa de conter um sorriso.

— Hum-hum. Fixe. Vemo-nos mais tarde, vizinha.

Ela resfolega e o meu sorriso abre-se quando a vejo a ir embora. Desço o olhar para o rabo dela. Caramba, um belo peito e um rabo jeitoso. Se bem que é baixinha. Sempre gostei de raparigas mais altas. Com um metro e oitenta e cinco, não quero partir o pescoço ao dobrar-me para dar um beijo a uma mulher. A Cassie tem um metro e cinquenta, um metro e sessenta no máximo, mas há qualquer coisa nos seus ombros e na forma como caminha que lhe confere mais altura. E é engraçada. Um pouco estranha. Mas engraçada. Já estava ansioso por estas oito semanas em casa dos Jacksons. Ter a Cassie na casa ao lado durante o verão é a cereja no topo de um bolo já de si delicioso.

O *Range Rover* branco dirige-se ao fim da entrada circular com a Sra. Tanner ao volante. Fico a vê-lo desaparecer e depois dirijo-me à porta ao lado. Uma vez que as casas nesta zona estão situadas

numa encosta, não existe muito espaço entre elas, pelo menos na parte que está virada para a rua, o que significa que se consegue sempre ver os vizinhos. Mas a localização alta e ocidental proporciona vistas espetaculares para Avalon Bay e permite ver o pôr do sol.

A casa dos Jacksons sofreu alguns golpes durante a última tempestade, mas o Gil contratou logo um empreiteiro para a arranjar e um engenheiro paisagista para arrancar as árvores caídas e os restos. Tudo o que sobra agora são os carvalhos cobertos de musgo e outras árvores maduras que se mantiveram intactas durante décadas. A propriedade é muito charmosa. Fico sempre abismado quando cá venho.

Passo pelas belas colunas brancas em direção ao alpendre coberto e entro pela porta da frente. Demoro-me a olhar para o chão imaculado. Fico sempre paranoico quando tomo conta da casa, com medo de partir alguma coisa valiosa ou de entornar cerveja por cima dos tapetes caros. Entro na cozinha sofisticada e vou em direção à maior ilha que alguma vez vi. Passo as pontas dos dedos pelo carvalho elegante, que foi pintado de azul-marinho. A empregada Mary esteve aqui no dia anterior, por isso está tudo limpo e não resta pó algum. O cheiro a limão e pinho mistura-se com o cheiro salgado familiar que se faz sentir com as portas de trás abertas. A primeira coisa que fiz quando cheguei foi abrir os três conjuntos de portas que ocupam a parede traseira da sala de estar. O meu humor fica sempre muito melhor quando sinto o cheiro do mar.

O meu telemóvel toca e tiro-o do bolso para ver uma mensagem da minha mãe.

Mãe: *Já estás instalado?*

Escrevo uma mensagem rápida.

Eu: *Sim. Já desfiz as malas e estou pronto para dois meses de liberdade. Vocês estavam mesmo a empatar-me a vida.*

Mãe: *Claro que sim. Tenho a certeza de que a comidinha caseira era mesmo uma chatice.*

Eu: *Merda. Está bem. Vou sentir falta dessa parte. Mas o Gil acrescentou um Fountain Lightning à frota privada, por isso acho que é capaz de compensar por todos os takeaways gordurosos que vou comer.*

Mãe: *Eu deixo-te umas lasanhas congeladas. O envenenamento por gordura não é brincadeira nenhuma.*

Eu: *Como estão os meus filhos? Sentem a minha falta?*

Mãe: *Bem... o Fudge acabou de dormir uma sesta de quatro horas, e a Polly acabou de comer um inseto. Por isso, acho que... não?*

Eu: *Não, parece-me um mecanismo de defesa para lidar com a falta que sentem de mim. Devias deixá-los dormir na tua cama enquanto estou fora, para não se sentirem sozinhos.*

Mãe: *Nem penses!*

Sorrio para o telemóvel. Os meus pais são sádicos que se recusam a deixar os cães da nossa família dormirem na cama deles. Nunca hei de entender.

Eu: *Tenho de ir. Envio-te uma mensagem amanhã.*

Mãe: *Amo-te.*

Eu: *Também te amo.*

Não quero saber se isso faz de mim o maior falhado à face do planeta, mas às vezes acho que a minha mãe é a minha melhor amiga. Ela é a mulher mais fixe que conheço. E conto-lhe praticamente tudo. Claro que guardo a minha vida sexual para mim, mas, de resto, não há muito que não lhe conte. E ao meu pai também. Na verdade, acho que ele também é capaz de ser o meu melhor amigo.

Credo, talvez seja mesmo um falhado.

Deixo o telemóvel na bancada e dirijo-me às portas para espreitar lá para fora. Para lá do pátio em pedra, do grelhador e da fogueira exterior, todos prontos para jantares, há umas escadas pequenas em madeira que conduzem ao patamar superior. Além disso, há um caminho que nos conduz ao patamar inferior e à doca comprida e privada dos Jacksons, que inclui um ancoradouro elétrico para barco e um molhe coberto. Fixo o olhar na ponta da doca, a admirar os dois barcos que ali

estão ancorados. O premiado *Hallberg-Rassy* do Gil, o *Surely Perfect*, está ancorado na marina do clube naval, mas ele mantém o barco a motor e o *Boston Whaler Sport Fisherman* em casa durante a estação.

Sou percorrido por um arrepio quando olho para o barco vermelho e branco. O *Lightning*. Caramba, eu matava para dar uma volta com aquele menino, mas é ridgidamente caro e nunca me passaria pela cabeça pedir ao Gil para o usar.

Tenho mesmo inveja da vida deste homem. O Gil é um agente imobiliário que vale milhões e é dono de várias propriedades em todo o mundo, bem como de uma frota inteira de barcos. Ele e a Shirley vão passar os próximos dois meses na Nova Zelândia, onde procuram juntar mais uma casa ao portefólio. E, conhecendo o Gil, mais um barco. Sacanas sortudos. A vida deles parece-me maravilhosa... viajar de barco pelo mundo, explorar novos sítios...

A parte de viajar de barco, em particular, faz-me ferver o sangue. Não me parece suficiente ser instrutor de vela no clube a tempo parcial. Há anos que anseio por estar no mar a tempo inteiro, mas simplesmente não é exequível, sobretudo quando também preciso de dar horas à casa no Bartlett Marine, o negócio da família. Não me interpretam mal, não é um mau trabalho. E é sempre surpreendente ver quanto dinheiro as pessoas estão dispostas a gastar nos seus barcos. Mas, ainda assim, preferia estar *num* barco a ter de entregar as chaves a outra pessoa qualquer.

Uma vez que tenho o dia livre — bem como a autorização do Gil para usar o *Whaler* e as lanchas —, pego no meu telemóvel pousado na bancada da cozinha. O tempo está perfeito para um dia na água, e eu leio as minhas conversas enquanto tento decidir a qual dos meus amigos vou enviar mensagem.

De certeza que o Danny, outro instrutor do clube, está a trabalhar hoje.

O Luke deve estar em casa, mas tenho a sensação de que vai estar de ressaca da festa da noite passada. Quando me vim embora, por volta das duas da manhã, ele continuava a beber *shots* de tequila com as nossas amigas Steph e Heidi.

Eu até convidava o meu amigo Wyatt, o tatuador da nossa cidade, mas as coisas entre nós estão estranhas. Mas não por minha causa.

Eu estava na minha vidinha, a passar tempo com a Alana aqui e ali, quando o Wyatt terminou com a sua namorada de longa data e, de repente, decidiu que também gostava da Alana. Quando dou por mim, estou num triângulo amoroso do qual nunca quis fazer parte por causa de uma rapariga que não quer nada com nenhum dos dois.

Envio primeiro uma mensagem ao Luke, que responde sem papas na língua.

*Luke: Bacano, estou de ressaca. Se for para a água, vou vomitar para cima da tua carantonha.*

Em seguida, passo para o Evan Hartley, que tenho quase a certeza de que me disse ontem à noite que ele e o irmão Cooper estariam hoje numa das suas obras de construção. Envio-lhe mensagem na mesma, porque ele é o gémeo com maior probabilidade de se esquivar às responsabilidades e passar o dia a beber comigo no barco.

*Evan: Não posso. Estamos bué atrasados nesta porcaria de trabalho.*

Caramba. Acho que vou ter de ir sozinho hoje.

*Evan: Mas vamos beber umas cervejas com o Danny mais tarde. Rip Tide. Por volta das sete horas. Alinhos?*

Envio logo uma resposta.

*Eu: Alinho. Vemo-nos lá.*

# CAPÍTULO 4

## Cassie

— **A**chas que uma criança de 6 anos ia gostar disto? — Levanto uma t-shirt vermelha com um unicórnio roxo a montar uma prancha de *surf*. — De que é que os miúdos gostam hoje em dia? Não faço a menor ideia do que é apropriado para a idade deles.

A gargalhada da minha avó ecoa entre nós.

— E eu sei? Acabei de fazer 74 anos, querida. Quando tinha 6 anos, os dinossauros ainda andavam na Terra.

Rio-me.

— Não és velha por teres 74 anos. E também não os pareces ter.

Volto a colocar a camisola no cabide. Acho que as cores são demais berrantes. Quando vi as miúdas na Páscoa, estavam vestidas em tons pastéis claros. Hum. Mas pode ter sido por ser na Páscoa. Sei que a Nia, a minha madrasta, gosta de vesti-las a rigor para as festividades. Quando fui visitá-las no Natal passado, estavam de vestidos vermelhos iguais e bandoletes giras com azevinho.

Bolas. Isto é demasiado difícil, o que só comprova que mal conheço as minhas meias-irmãs. Mas não se poderia esperar outra coisa, quando a mãe delas faz questão de que eu passe o menor tempo possível com as miúdas. Aposto que, se dependesse dela, nem sequer seria convidada para passar os festejos de aniversário com eles, no próximo mês. Pobre Nia. O mais provável é ter ficado secretamente furiosa quando as gémeas nasceram no meu dia de anos. Valha-me

Deus, que ironia... as novas filhas do meu pai nasceram no mesmo dia que a sua filha mais velha, apagando-me efetivamente da vida dele e...

*Lado positivo!*, grita a voz na minha cabeça antes de eu continuar.

Certo. Respiro fundo. O lado positivo de partilhar uma festa de aniversário com as minhas irmãs... uma festa em vez de duas. A consolidação é sempre uma vantagem.

— Não sei. — Volto a percorrer a prateleira de roupa de criança com o olhar. — Se calhar podíamos ir antes à loja de jogos de tabuleiro. A loja ao lado da loja de *smoothies*. — Procurar esta prenda tornou-se uma tarefa mais difícil do que o esperado.

Eu e a minha avó saímos da loja e somos recebidas pelo calor sufocante de julho. Esqueci-me de que o verão aqui é quente. E de como a via principal se torna caótica. Mas o ar sufocante e a multidão não me incomodam. Avalon Bay não é apenas uma cidade costeira com um passeio marítimo, lojas de recordações e uma feira anual — é a minha casa. Eu nasci aqui. Todas as minhas recordações de infância estão associadas a esta cidade. Podia passar cinquenta anos fora e essa sensação de familiaridade, de pertença, continuaria a existir quando regressasse.

— Quando vais estar com o teu pai? — pergunta a minha avó, enquanto descemos o passeio. O ar está tão quente e húmido que o pavimento debaixo dos nossos pés está praticamente a assobiar com o calor.

— Sexta-feira — respondo. — Vou lá jantar. E depois sábado à noite somos capazes de levar as meninas a algum lado. Se calhar ao minigolfe.

— Vai ser divertido. Ele não conseguiu estar contigo este fim de semana?

Embora a voz dela não denote nenhuma crítica, não consigo deixar de defender o meu pai.

— As meninas tiveram muitas festas de aniversário. Acho que os bebés do círculo social delas nasceram todos em julho.

*Mas ele não conseguiu ter uma hora para te levar a almoçar?*

*A jantar?*

*As meninas não têm uma mãe que possa tomar conta delas por um bocado?*

*Elas vão dormir às oito da noite?*

Se ela tivesse feito estas perguntas, seriam todas válidas, mas a minha avó é esperta e sabe que a minha relação com o meu pai é complicada.

Para ser sincera, estou habituada a que ele me ignore. Durante anos, fez um esforço para evitar estar sozinho comigo, aproveitando qualquer oportunidade para garantir que a Nia e as gémeas estão presentes para servirem de amortecedores. Tenho a certeza de que ele tem noção de que eu já o percebi, mas não reconhece que o faz, e eu também não. E, por isso, esta montanha de palavras que não lhe posso dizer continua a crescer entre nós. Começou por uma pequena encosta e agora é um pico de grandes proporções. Repleto de emoções e pejado de obstáculos. Pequenas acusações que nunca direi em voz alta.

*Porque não lutaste pela minha guarda?*

*Porque não me quiseste?*

— Estás ansiosa por estar com as tuas irmãs?

Afasto os pensamentos negativos e lanço um sorriso caloroso à minha avó.

— Estou sempre ansiosa por ver as gémeas. São muito giras.

— Continuam fluentes em francês? — pergunta ela, com curiosidade.

— Sim. Fluentes em francês e inglês. — A minha madrasta é do Haiti e cresceu a falar francês, por isso estava determinada a que as filhas soubessem a língua materna dela. É divertido ver a Roxanne e a Monique a conversar em francês. Às vezes, a Roxy fala em francês e a Ro responde em inglês, ou vice-versa, o que cria conversas paralelas hilariantes. Adoro mesmo as minhas irmãs. Gostava de passar mais tempo com elas.

A minha avó parece estar a abrandar, por isso acompanho o seu ritmo.

— Estás bem? — pergunto.

Andamos há duas horas nas compras. Não é muito tempo, mas está muito calor e ela veste seda da cabeça aos pés. Estou admirada por não ter a roupa colada ao corpo. Eu já estaria a suar em bica. Mas a minha avó está sempre composta, mesmo quando está a assar ao sol.

— Estou com calor — admite ela. Desenrola o lenço que tem à volta do pescoço e utiliza uma mão pálida para abanar a pele que ficou exposta. O sol continua a queimar-nos. Ela enverga um chapéu de abas, mas eu não trouxe nenhum, apesar de termos ido visitar a loja de chapéus.

— Vamos à loja de jogos de tabuleiro e depois seguimos para casa — sugiro.

Ela acena com a cabeça.

— Parece-me boa ideia.

Estamos a aproximar-nos da loja de *smoothies* quando uma traidora surge na janela da montra. A Joy bate no vidro e acena-me. Levanta um dedo para assinalar que vai demorar um segundo.

— Oh, a Joy já vai sair — digo à minha avó.

Agarro-lhe o braço e afasto-me do passeio para dar passagem a um grupo de transeuntes. No pico da época de turismo, Avalon Bay tem gente que nunca mais acaba. Famílias, casais e grupos de adolescentes barulhentos já estão a encher a praia, e nas próximas semanas, com a feira acabada de montar no final do paredão, haverá ainda mais pessoas. Senti mesmo saudades desta cidade.

A Joy sai da loja a chupar a palhinha do *smoothie*. Está a usar um vestido curto branco que favorece a sua feição escura, sandálias com cunhas e óculos de sol grandes. Da *Gucci*, a marca favorita dela.

— Ainda bem que me cruzei contigo — diz, com os olhos castanhos a brilhar de felicidade. — Estava mesmo para te enviar uma mensagem para ver se querias sair esta noite.

Lanço-lhe um olhar divertido.

— Para quê? Para me deixares pendurada outra vez?

Ela lamenta-se.

— Bolas, eu sei. Peço desculpa por ontem à noite.

— Por que raio o fizeste? Insistes que vá a uma festa de um gajo qualquer e depois nem apareces? — resmungo.

— Desculpa — volta ela a dizer, mas, desta vez, o seu tom é mais descontraído e não denota remorso algum. Desde que a conheço que a Joy sempre foi uma pessoa inconstante e que não perde muito tempo a remoer nas coisas. Depois de pedir desculpa por ter agido mal, passa

a toda velocidade para o assunto seguinte. — Saí da discoteca e tencio-  
nava ir a casa trocar de roupa para a festa, como te disse na mensagem,  
mas depois encontrei o Isaiah à minha porta.

O Isaiah é o rapaz com quem ela tem andado a sair intermitente-  
mente desde os 16 anos. Da última vez que falámos, ela jurou que não  
queria mais nada com ele. Suspiro, desiludida.

— Por favor, diz-me que não voltaste para ele.

— Não, não. Ele foi só devolver uma caixa com tralhas que deixei  
em casa dele. E algumas fotografias que eu tinha imprimido, por isso  
começámos avê-las, e uma coisa levou à outra e... tape os ouvidos,  
Sra. Tanner... demos uma queca.

A minha avó deixa escapar uma gargalhada.

— Também é bom ver-te, Joy — diz a minha avó, antes de esticar  
a mão para me dar uma palmadinha no braço. — Cass, que achas de eu  
levar o carro para casa e a Joy ficar a fazer-te companhia nas compras?

— Tens a certeza? — Arqueio a sobrancelha. — Não te importas  
de conduzir sozinha?

— Eu trouxe o carro até aqui — relembra-me ela, arqueando a so-  
brancelha, como quem quer dizer: «Não questiones os mais velhos,  
querida.»

Questiono-a na mesma.

— Sim, mas disseste que estavas com calor. E se apanhares uma  
insolação?

— Eu fico bem. Vai. Divirtam-se, meninas. Parecem ter muito  
que conversar. — Com os olhos cintilantes, a minha avó deixa-nos  
sozinhas.

Fico avê-la ir-se embora e a sua passada forte e ombros direitos  
acalmam a minha preocupação. Por vezes, é difícil lembrar-me de  
que ela é uma mulher forte, quando parece que uma mera brisa  
a pode deitar ao chão.

— Então, o que vamos comprar? — pergunta a Joy.

— Queria ir à loja de jogos de tabuleiro para arranjar qualquer  
coisa para o aniversário da Roxy e da Mo.

— Uau, a Nia vai deixar-te ver a preciosa descendência no seu dia  
especial?

— Porta-te bem.

— Não, isso compete-te a ti. Tu é que és a boazinha. Eu sou a gaja colérica desta amizade, lembras-te? É por isso que fazemos uma boa dupla.

Admito que temos uma amizade interessante. Conheci a Peyton quando me mudei para Boston, mas conheço a Joy desde que tínhamos 5 anos. Ela costumava visitar a cidade no verão, pois a família dela vinha de Manhattan todos os anos para passar os meses de julho a agosto em Avalon Bay. Éramos inseparáveis em miúdas, mas acabámos por nos afastar, e só quando tinha 16 anos e vim passar umas semanas com o meu pai é que voltámos a juntar-nos. As minhas irmãs ainda não tinham 2 anos, por isso o meu pai andava ocupado e tinha pouco tempo para mim. Acabei por passar a maior parte das férias na piscina do clube de campo, onde uma manhã me cruzei com a Joy e retomámos a amizade.

— E onde estava a minha parceira ontem à noite? — pergunto. — Ainda me custa a acreditar que me deste uma tampa. Não conhecia ninguém lá. — O que não me surpreende, tendo em conta que provavelmente poderia contar pelos dedos de uma mão o número de locais que conheço de nome.

Os jovens que visitam a cidade no verão não costumam conviver com os habitantes locais. Pertencem a círculos diferentes e passam a maior parte do tempo em dispendiosos iates de família ou no clube de campo, onde eu prevejo passar a maior parte do meu tempo este verão. No meu futuro imediato, faço tenções de passar imenso tempo deitada nas espreguiçadeiras a tirar as medidas a todos os betinhos jeitosos.

Não me interpretem mal, não sou uma daquelas miúdas ricaças que se recusam a trabalhar. Desde os 16 anos que acumulo *part-times* e passei os últimos três anos da faculdade a trabalhar como empregada de bar. A minha ética de trabalho advém unicamente do meu pai. O meu pai, que não veio de uma família endinheirada como a minha mãe, sempre me incutiu a importância de ter um trabalho decente e honesto. Contudo, a minha avó recusa-se a deixar-me trabalhar enquanto estiver em Avalon Bay durante o verão, determinada a obrigar-me

a passar tempo de qualidade com ela. Mas não me queixo. Prefiro a companhia da minha avó a qualquer outra.

— Ouvi dizer que foi divertido — diz a Joy, enquanto acertamos o passo. Bebe um gole do seu *smoothie*. — O rapaz que me convidou... seria Luke o nome dele? enviou-me uma mensagem há pouco a perguntar porque é que não apareci. O coitado estava desolado. — Ela sorri. — Eu também me teria enrolado com ele. É giro. Mas o parvo do Isaiah... Não consigo manter-me longe desse idiota.

— É um verdadeiro problema — concordo, solene.

— Não falaste com ninguém? — insiste ela. — Nem sequer com os infames gémeos Hartley? Acho que estava lá um deles.

Pronto, esses habitantes locais eu conheço. Tenho quase a certeza de que qualquer pessoa, seja ela local ou visitante, já ouviu falar dos Hartleys. Os gémeos tão atraentes que devia ser pecado e que costumavam deixar a cidade em alvoroço. Chegou a correr um rumor sobre uma cabra roubada, um carro de polícia furtado e um passeio por Avalon Bay que acabou com um dos gémeos no hospital com um traumatismo craniano. Mas isso parece demasiado fantasioso para ser verdade. Agora, as histórias sobre os inúmeros engates deles, sobretudo com as miúdas da Universidade Garnet que chegam todos os anos em setembro... bem, nesses rumores custumo acreditar.

— Não os vi — respondeo, enquanto tento lembrar-me. Recordo-me vagamente de um rapaz alto com cabelo escuro e tatuagens, se bem que, na verdade, podia ter sido qualquer pessoa. — Mas falei com um rapaz.

— Ah! Sim! Linda menina. Quem?

— O Tate. — Tento lembrar-me do nome pelo qual a minha avó o tratou esta manhã. Sr... — Bartlett. Tate Bartlett?

A Joy fica de queixo caído.

— A sério? Oh, eu sei *tudo* sobre ele.

— Sabes? — Estou admirada. Como disse, além de uns encontros ocasionais, os visitantes de verão e os habitantes locais não são socialmente compatíveis.

— Sim, ele enrolou-se com a minha irmã no verão passado.

— Não acredito! Cala-te! A Louisa? — Por mais que tente, não consigo imaginar a irmã mais velha da Joy a enrolar-se com ninguém, muito menos com o Tate. A Louisa é uma betinha. Sempre presumi que ela estava à espera do casamento. — E o cinto de castidade dela?

A minha amiga ri-se.

— Alguém encontrou a chave e essa pessoa chama-se Tate Bartlett. Ele é instrutor no clube naval, assim como o tal do Luke. São amigos.

Ainda não consigo imaginar a Louisa e o Tate.

— Como é que isso aconteceu? Ele e a Louisa.

— No ano passado, ela estava a sentir-se aventureira. Lembras-te de que ela estava a passar por aquela fase terrível do louro-platinado? Enviei-te uma fotografia.

Aceno com a cabeça com um ar sério.

— Não me parece que tenha corrido bem.

— E não correu. — A Joy roda a palhinha do *smoothie* com os dedos. — Conheceram-se no clube, ele convidou-a para sair e eles enrolaram-se. Mas acho que não passou de uns beijinhos. Porque, tu sabes, é minha irmã. Mas disseram-me que ele é um engatatão.

Não estou propriamente chocada. Rapazes assim tão giros costumam conseguir as mulheres que quiserem.

Se bem que ouvir dizer que ele é um engatatão amortece parte do brilho do Tate.

— Então ele tem fama de ser um nojento?

— Por acaso, é o contrário. Este homem engata mais do que uma celebridade e, mesmo assim, não vais ouvir um comentário negativo sobre ele. Toda a gente que o conhece ou que passou tempo com ele fica embevecida quando o seu nome vem à baila. E começa a dizer que ele é incrível e amoroso. E que é ótimo na cama, claro.

— Claro — repito, revirando os olhos. Por dentro, estou um pouco aliviada por saber que ele não tem má reputação.

— Como é que o conhecest? De que é que falaram? — Ela entrelaça o braço no meu. — Quero saber os pormenores todos.

Passamos a hora seguinte a passear pela cidade, mas eu fracasso na compra dos presentes de aniversário das meninas. Ocorre-me que vou ter de pedir sugestões ao meu pai, o que me soa a derrota.

A Joy deixa-me em casa e fazemos planos para regressar ao passeio marítimo mais tarde para ouvir música ao vivo. Ela deixa-me com a promessa de que me apanha às oito horas e que *não* me vai deixar sozinha desta vez.

Em casa, passo o resto do dia a ler junto à piscina e a trocar mensagens com a Peyton, e de seguida janto com a minha avó no alpendre traseiro com vista para a baía tranquila. Ofereço-me para jogar cartas com ela depois, mas ela quer deitar-se cedo, por isso despedimo-nos no topo das escadas, a minha avó encaminha-se para o quarto dela e eu dirijo-me ao meu.

Fico sempre no mesmo quarto quando estou de visita. Decorado em tons de branco e amarelo, o quarto é espaçoso e arejado, com soalho de madeira, uma casa de banho e uma janela ampla com banco de leitura incorporado. Além da secretária e do armário antigos, a peça de mobiliário principal é a cama de dossel enorme para cima da qual eu atiro o telemóvel.

Preciso de tomar um duche, lavar o cabelo e encontrar qualquer coisa gira para usar esta noite na cidade. A Operação Engate pode ter tido um contratempo ontem à noite, mas se as minhas intenções de encontrar um romance de verão escaldante forem sérias — e são —, está na hora de pôr esse plano em marcha.

Idealmente, enrolar-me-ia com o meu vizinho que é uma brasa e que, ao que parece, está muito aberto a engates, mas já tive duas oportunidades de me atirar a ele, ou pelo menos de lhe pedir o número, e meti os pés pelas mãos nas duas ocasiões. Por isso, não me cheira que seja inteligente pôr todos os meus ovos no cesto do Tate. Tenho de estar receptiva a conhecer outros rapazes. Alargar os meus horizontes no que toca aos engates.

E não há melhor altura para começar do que esta noite.

Retiro o elástico e começo a desfazer a trança, aproximando-me da janela para fechar as cortinas antes de tomar um duche.

E depois fico imobilizada. Os meus dedos param de se mexer e eu esqueço-me da trança que continua por desfazer.

Da minha janela, consigo ver a casa do lado na perfeição. E a janela da casa do lado. A casa virada para a minha. E uma vez que as duas

casas estão separadas por poucos metros e que não há árvores no caminho que as separa, eu consigo ter uma vista clara, desimpedida, perfeita e gloriosa do Tate enquanto ele se despe no quarto do lado oposto ao meu.

Fico com a respiração presa na garganta.

Ele está de costas para mim, e eu quase me babo enquanto observo os músculos definidos das suas costas quando ele atira a camisola para o lado. Tem os ombros largos e os braços bem esculpidos. Estica o braço na direção do elástico dos calções de banho.

Deixa cair os calções ao chão e eu quase me engasgo com a língua.

Cum caraças. Eu sabia que ele tinha um rabo jeitoso, mas vê-lo sem nada a cobri-lo é... do outro mundo. Não consigo desviar o olhar. Sinto-me uma tarada e sei que, se fosse ao contrário e ele me estivesse a observar da janela, eu apresentava queixa à polícia. Mas estou paralisada, incapaz de desviar o olhar.

*Vira-te, Cassandra.*

*Vira-te.*

*Para com isso.*

Fiquei com a boca completamente seca. O corpo dele é espetacular. Zonas duras e músculos esguios e membros bronzeados e compridos, unidos para formar um espécime de homem escandalosamente sexy. Já estou ofegante. O meu coração está a bater com força. O Tate arrasta uma mão pelo cabelo, que parece um pouco despenteado pelo vento, e começa a andar de um lado para o outro do quarto como se estivesse à procura de qualquer coisa. Completamente nu. Completamente alheio ao facto de estar a ser observado pela vizinha da casa do lado.

E depois vira-se para a janela.

E deixa de estar alheio.

O Tate sobressalta-se visivelmente quando os nossos olhares se cruzam. Arqueia a sobrancelha. Afasta os lábios, só um pouco. Tenho um vislumbre rápido do seu corpo, e depois viro-me e afasto-me da janela. O meu ritmo cardíaco está oficialmente a chegar ao nível de paragem cardíaca. Ele *apanhou-me* a olhar. Que raio faço agora? E se ele fizer queixa de mim ou contar à minha avó...

O meu telemóvel ilumina-se.

— Oh, meu Deus — gemo audivelmente.

Mal consigo caminhar até à cama devido às minhas pernas estarem tão fracas. A minha mão treme quando tento pegar no telemóvel. Agarro-o e dirijo-me à casa de banho, o mais longe possível daquela maldita janela.

Vejo no ecrã que alguém está a tentar enviar-me uma mensagem pelo *AirDrop*.

*Tate B.*

Com o dedo a tremer, carrego no botão de «Aceitar» e a nota aparece no ecrã.

*Acho que precisamos de falar sobre isto. Tate*

Por baixo da mensagem está o número de telemóvel dele.

Estou a morrer de vergonha. Mas não sou burra o suficiente para achar que podemos varrer isto para debaixo do tapete e fingir que não estive a observá-lo a despir-se. E embora, por norma, seja o tipo de pessoa que foge de qualquer confronto a sete pés, preciso de resolver isto com urgência. Caso contrário, vamos passar um verão muito constrangedor.

Clico no número do Tate para abrir uma nova mensagem.

*Eu: PEÇO IMENSA DESCULPA. Juro que não te estava a espiar.*

*Estava apenas junto à janela quando entriste e começaste a despir-te.*

*Tate: Hum-hum. Tenho a certeza de que foi isso que aconteceu.*

*Eu: É verdade! Só te vi nu durante três segundos, no máximo.*

Seguem-se uns minutos de espera.

*Tate: Gostaste do espetáculo?*

*Eu: Credo. Não.*

*Credo, não?*

Mas que raio se passa comigo? É por *isto* que estou solteira. Alguém tenta flirtar comigo e eu respondo «Credo, não.» É evidente que tenho problemas.

Eu: *Quer dizer, quase não vi nada.*

Tate: *Volta para a janela.*

A minha pulsação volta a acelerar.

Eu: *Não.*

Tate: *Vá lá. Prometo que não estou aqui parado com a mão na pila nem nada igualmente perturbador.*

Cautelosa, saio da casa de banho. Como prometido, o Tate não está a ser estranho. Está junto à janela, com uma toalha enrolada à volta da cintura e o telemóvel na mão. Quando me vê, esboça um sorriso atrevido e levanta a outra mão, que tem uma lanterna.

Semicerro os olhos e ele logo começa a escrever com uma mão.

Tate: *Qual é o código morse para «voyeur»?*

Eu: *OMD. Para. Já estou envergonhada que chegue.*

Ocorre-me que, em vez de enviar mensagem, podíamos simplesmente abrir as respetivas janelas e gritar um para o outro. Mas, bem vistas as coisas, o som viaja pela água, e não quero que a minha avó ouça um segundo que seja desta conversa.

Tate: *Olha. Cassie. Vou ser sincero. Viste-me o rabo. Acho que é justo que eu veja o teu.*

Guincho, indignada. Ele não consegue ouvir, mas deve saber que fiz alguma espécie de som indignado, porque esboça um sorriso aberto.

Eu: *Nem pensar.*

Tate: *Uma nádega?*

Eu: *Não!*

Tate: *Está bem. És uma negociante difícil. Eu contento-me com as mamas.*

Eu sei que ele está a brincar. E diria que, se qualquer outro homem me tivesse dito o mesmo, soaria a pervertido. Mas há qualquer coisa na carinha laroça e no sorriso estonteante deste rapaz. Não há nenhuma parte dele que me faça lembrar um homem pervertido.

Mesmo assim, não posso recompensá-lo por este tipo de conversa. Não quero abrir precedentes nem nada do género. Por isso, dirijo-me à janela enquanto escrevo uma mensagem final.

Eu: *Vais ter de usar a imaginação.*

E depois fecho as cortinas.

# CASSIE SÓ TINHA UMA REGRA PARA O VERÃO: NÃO SE APAIXONAR

Há anos que Cassie Soul não passa um verão inteiro em Avalon Bay, desde que os pais se divorciaram e o rancor da mãe pelo pai a fez mudar-se para Boston. Agora que a avó está a vender o hotel que pertence à família há cinco décadas, Cassie regressa à pitoresca cidade costeira para passar tempo com os familiares, festejar o seu 21.º aniversário e, quem sabe, desfrutar de um romance de verão.

O candidato perfeito não tarda a aparecer: Tate Bartlett, um instrutor de vela muito bem-parecido e sempre disposto a passar um bom bocado. Mas Tate rapidamente percebe que Cassie não é para brinca-deiras. Cassie é linda, divertida e a pessoa mais espetacular que ele alguma vez conheceu. Por isso, decide poupá-la aos seus avanços e mantê-la apenas como amiga — até se aperceber de que cometeu um enorme erro, porque ela não lhe sai da cabeça.

À medida que põem à prova os ténues limites da amizade, percebem também que a dinâmica entre eles é afinal o menos complicado de gerir. Porque há segredos ocultos a que esta relação poderá não sobreviver...

DA MESMA SÉRIE:



Penguin  
Random House  
Grupo Editorial

[www.penguinlivros.pt](http://www.penguinlivros.pt)  
@topseller.suma  
penguinlivros

ISBN: 978-989-583-942-1



9 789895 839421